



## Fronteiras em construção: representações de migrantes brasileiros na Guiana Francesa

### Frontiers in construction: representations of Brazilian migrants in French Guyana

*Rosiane Ferreira Martins* - Antropóloga; doutoranda em Ciências Sociais - Antropologia, pelo PPGCS-UFFA. E-mail: martins.rosiane@gmail.com

*Carmem Izabel Rodrigues* - Doutora em Antropologia; professora do PPGCS-UFFA e da FCS-UFFA. E-mail: cisbel@yahoo.com.br

---

#### Resumo

Tem como objetivo central perceber, através de narrativas de migrantes que vivem na Guiana Francesa, algumas representações ao serem classificados como migrantes e/ou estrangeiros, em um processo que considera a construção de estratégias na vivência cotidiana. Neste contexto, examinaram-se as relações entre migrantes de diferentes países e a construção de espaços marcados pela diversidade, revelando identidades e percepções acerca das relações de conflito, solidariedades e alteridades entre o eu e o outro. A investigação vem sendo realizada desde o ano de 2005, com migrantes, sobretudo brasileiros que vivem de forma legalizada ou clandestina no Departamento Ultramarino Francês. Este artigo decorre de pesquisa etnográfica com migrantes brasileiros em situação legalizada e clandestina na Guiana Francesa, pretende levar esta investigação de vivências e identidades migrantes numa perspectiva mais ampla e comparativa.

#### Abstract

Its main objective is to perceive, through the narratives of migrants who live in French Guyana, some representations to be classified as migrants and/or strangers in a process that considers the construction of daily life strategies. In this context the relations between migrants of different countries is examined and the construction of spaces marked by the diversity reveal identities and perceptions about the conflict, solidarities, alterity between the "I and the other". The investigation is being realized since 2005, with migrants, mostly Brazilians, who live, legalized or clandestine, in the Overseas Department of France. This project, which passes through six years of ethnographic research with Brazilian migrants in legalized or clandestine situation in French Guyana, pretends to take this investigation of life experiences and identities of migrants in a wider and comparative perspective.

---

#### Palavras-chave

Migrantes. Guiana Francesa. Identidade. Clandestinidad. Representações Sociais.

---

#### Keywords

Migrants. French Guyana. Identity. Clandestine situation. Social representations.

## 1 ESTRANGEIRO OU MIGRANTE: DIFERENTES FACES DO TRABALHADOR CLANDESTINO

Uma das questões mais constantes em relação à migração é a do trabalho. Um trabalhador, ao deixar sua casa, família e sociedade para embarcar nessa viagem incerta, levando como bagagem, muitas vezes, o compromisso de trazer melhores condições de vida para os que permaneceram, transforma a “aventura do migrante”, principalmente o que está em condição clandestina, em uma sequência de situações frequentemente angustiantes e arriscadas.

As relações sociais ganham novas configurações. A saída da terra natal e o afastamento dos vínculos familiares, territoriais e culturais, contribuem para um intenso processo de transformação e construção de identidades. Assim, entender de que forma são elaboradas estratégias de constituição dessas relações e seus desdobramentos, auxilia na compreensão de diversos aspectos relativos ao cotidiano desses trabalhadores e a elaboração de estratégias para conseguir dinheiro, trabalho, moradia, lazer e, sobretudo, manter-se oculto diante da vigilância policial.

Diversos motivos atraem pessoas para a migração, como: estudar, trabalhar, constituir família, encontrar no “novo” lugar a vida almejada ou esse conjunto de motivações, embora em diferentes condições. Alguns possuem o suporte do matrimônio, quando o cônjuge vive no outro país e oferece as condições necessárias; outros têm o auxílio de alguma instituição de ensino; há ainda os que têm oportunidades de trabalho vantajosas em empresas locais.

Porém, os clandestinos não têm estas possibilidades. Para entrar no país, arriscam-se em meio aos perigos de matas, estradas, rios, mares ou desertos, durante dias, no intuito de ingressarem em espaços desconhecidos, onde a língua, a cultura, os significados sociais devem ser apreendidos. Algumas atividades corriqueiras, como por exemplo, caminhar pelas ruas, procurar trabalho ou comprar alimentos pode se tornar algo perigoso, pois sair de casa para ir ao mercado significa arriscar-se a ser preso e deportado. Embora isso ocorra, diariamente eles deixam suas famílias e transpõem fronteiras (físicas, sociais, culturais e étnicas), levando como justificativa a busca pelo que supõem ser melhor para si e àqueles pelos quais são ou sentem-se responsáveis.

Analisar esse tema leva o pesquisador a transitar por caminhos repletos de situações, que envolvem questões que estão na ordem do dia, como as sociedades transnacionais, as diásporas, os nacionalismos, o controle da migração e a xenofobia, entre outras. A condição sociojurídica do migrante e as relações sociais desenvolvidas a partir das migrações laborais na sociedade guianense, atualmente têm sido uma das maiores preocupações do governo francês e na fronteira franco-

brasileira – uma questão de relações internacionais, que contribui para a criação de medidas de controle entre os dois países.

A mão de obra dos migrantes brasileiros frequentemente oferece pouca qualificação. Ele se sujeita a praticamente qualquer serviço e, na maioria das vezes, sustenta famílias e o lucro do seu trabalho até incrementa a economia de alguns povoados, com as remessas enviadas para a sociedade de origem.

Em relação aos brasileiros na Guiana Francesa, são pessoas que encontram fontes de renda no trabalho na construção civil ou em áreas de garimpo, gerando um duplo problema social para o Brasil e para a França. Patarra (2006, p. 11), em relação à mão de obra do migrante, escreveu:

Mão de obra flexibilizada e que se sujeita a todas as formas de superexploração de trabalho, contribuem para sua produção e consumo e carregam prévios investimentos dos países de origem em sua formação, educação e saúde. Essa situação resulta em consideráveis montantes de remessas que acabam por tornar dependentes pessoas e famílias inteiras e que, ao fim e ao cabo, podem reforçar, por essa via, sua condição de eternos países em desenvolvimento.

Jornadas intensas, que muitas vezes ultrapassam quatorze horas de trabalho, com valores muito abaixo do que é pago para os legalizados, e a incerteza do recebimento pelo trabalho executado, são alguns dos obstáculos enfrentados pelos clandestinos. A lógica desta exploração foi assinalada por Gaudemar (1977, p. 27): “a fraca qualificação dos emigrados permite às empresas explorá-los ao máximo (salários baixos, horários freqüentemente prolongados, ritmo de trabalho muito intenso)”.

Essas situações são comuns nas áreas de atração de migrantes, favorecendo a efetivação de relações de poder entre os trabalhadores ou grupos. São relações frequentemente marcadas pela desigualdade, embora seja entendida pelos migrantes como uma etapa da trajetória. Ela é compreendida como uma condição temporária, ao passo que a mudança para a condição de legalizado ou o retorno para o país de origem marcam o fim destas relações. Embora nem sempre a mudança de status ou retorno ocorram da maneira planejada.

A princípio, ela se apresenta como uma situação de exploração ou subjugação, no entanto é mais ampla; a migração laboral surge como primeiro passo para o estabelecimento de inúmeras questões, dentre elas as étnicas, as sociais, as políticas e as culturais, fazendo com que o problema do migrante transponha a explicação economicista, que tem sido a mais citada pelos interlocutores em relação a esse deslocamento para a Guiana Francesa.

Eles são identificados como estrangeiros e/ou migrantes, dependendo do contexto no qual se encontram. Essa classificação os diferencia dos nacionais e os coloca, na maioria das vezes, em uma posição hierárquica inferiorizada. No capítulo “imigração e convenções internacionais”, Sayad (1998) discute as representações elaboradas na sociedade francesa para categorizar migrantes e estrangeiros.

Um estrangeiro, segundo a definição do termo, é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas também depois que passou as fronteiras; continua sendo estrangeiro enquanto puder permanecer no país [...] mas apenas até as fronteiras. Depois que passou a fronteira, deixa de ser um estrangeiro comum para se tornar um imigrante. Se “estrangeiro” é a definição jurídica de um estatuto, “imigrante” é antes de tudo uma condição social. Se todos os imigrantes, no sentido pleno do termo, são necessariamente estrangeiros [...] muitos estrangeiros que moram e trabalham na França não são, contudo imigrantes; quantos franceses, logo, não estrangeiros são “imigrantes e quantos estrangeiros não são necessariamente imigrantes!” (SAYAD, 1998, p. 243).

As condições de vida do migrante e estrangeiro, associadas às diferentes fronteiras sociais, contribuem para transformá-los, em alguns momentos, em sujeito social deslocado. Sua classificação varia de acordo com a sua posição ou de onde provém. Ele pode ser considerado como estrangeiro ou migrante. Sayad (1998) avalia que a permanência do imigrante está vinculada ao trabalho. Assim, quando o trabalho não existe ou termina, também deixa de existir o motivo de se estar em outro país, especialmente porque a relação entre imigração e desemprego caracteriza-se como um paradoxo. Na mesma obra, Bourdieu (p. 11-12) analisa essa condição de indesejável assumida, pelo migrante. Assim, descreve-o como:

[...] nem cidadão, nem estrangeiro, nem totalmente do lado do mesmo, nem totalmente do lado do outro, o “imigrante” situa-se num lugar “bastardo” [...]. Incomodo em todo lugar, e doravante tanto em sua sociedade de origem quanto em sua sociedade receptora [...], ele obriga a repensar completamente a questão dos fundamentos legítimos de cidadania.

A condição do estrangeiro em uma relação de proximidade e distância, caracterizada pela interação com a sociedade, analisada por Simmel (1983), revela esta interação do estrangeiro à sociedade de maneira característica nas relações de proximidade construídas:

A unificação de proximidade e distância envolvida em toda relação humana organiza-se, no fenômeno do estrangeiro, de um modo que pode ser formulada de maneira mais sucinta dizendo-se que, nesta relação, a distância significa que ele, que está próximo, está distante; e a condição de estrangeiro

significa que ele, que também está distante, na verdade está próximo, pois ser um estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva: é uma forma específica de interação (SIMMEL, 1983, p. 183).

O estrangeiro, de acordo com o autor, consegue ter objetividade na maneira como vê a sociedade. Essa objetividade oferece possibilidades perigosas:

O indivíduo objetivo não está amarrado a nenhum compromisso que poderia prejudicar sua percepção [...], todavia, a liberdade que permite ao estrangeiro se entender e ter experiências até mesmo com suas relações mais íntimas a partir de uma perspectiva distanciada, contém muitas possibilidades perigosas (SIMMEL, 1983, p. 185).

Essa pode ser uma das respostas para o que a maioria dos interlocutores atribui “ser marcação da polícia francesa”. Afirmam que os brasileiros são mais procurados, presos e estigmatizados. Em uma análise relativa às posições assumidas na sociedade, percebe-se que o estrangeiro é visto como diferente. Todorov (1996) descreve essas representações indicando que o estrangeiro é apresentado como bárbaro, inferior, em uma visão etnocêntrica do “outro”. O relato de Carlinhos representa bem essa situação de confronto:

[...] eles (polícia) só prendem a gente que é brasileiro! Tem inglês aí na crica vendendo droga, roubando; tem um monte de chinês, africano, kuli, dominicano, haitiano que estão clandestinos e eles não prendem; mas se tem um brasileiro voltando do trabalho eles vão lá e prendem. Outro dia eu vinha do trabalho e eles passaram, então pararam o carro, pediram meus papéis, eu disse que não tinha; então eles jogaram a minha bicicleta na vala e me botaram no carro. Aí veio um pretinho daqueles (guianense) e levou a minha bicicleta.

Eu disse pra ele: tu não estás vendo que ele tá roubando a minha bicicleta? Porque tu não prendes ele, que é ladrão? Eu só estou vindo do meu trabalho. Então ele ficou calado.

A verdade é que pra eles clandestino não é nada. Não é nem gente, por isso não importa se o pretinho roubar a bicicleta, porque na cabeça deles, aquela bicicleta não pertence a ninguém, porque o clandestino é isso, é nada, é ninguém, ele não está lá (sic.).

O imigrante se defronta com o jogo de poder no qual cada grupo reivindica sua aceitação dentro da sociedade e se utiliza de identidade de trabalhador para legitimar a sua presença. Por outro lado, esbarra no seu status jurídico de clandestino. Essas identidades vivenciadas nesse contexto étnico descortinam uma série de relações de conflito e alteridades que compõem essa complexa sociedade.

Grande parte dos migrantes, sobretudo os que estão em condição clandestina, é percebida como intrusa por uma parcela da população. A legislação desigual em relação à permissão de entrada por essas fronteiras é um dos pontos

de discussão mais recorrentes entre os migrantes que pessoas de origem francesa têm para transitar no lado brasileiro da fronteira, inclusive podendo partir para qualquer localidade brasileira saindo deste ponto.

As pessoas necessitam dirigir-se à Delegacia da Polícia Federal, na cidade de Oiapoque, para carimbar o passaporte e legalizar sua situação no país. Embora haja essa facilidade para os estrangeiros que entram no Brasil por essa fronteira, esse procedimento padrão entre os países (Brasil e França) é considerado abusivo por muitos moradores do Departamento, conforme demonstra a reportagem intitulada *Vos papiers, s'il vous plaît!* de 19.08.2009, veiculada pelo jornal de circulação local *France-Guyane*.

“Vos papiers, s'il vous plaît!” Il va falloir s'habituer à cette rengaine de l'autre côté de l'Oyapock. Il faudra surtout être en règle en cas de contrôle de police. Car depuis quelques semaines à Oiapoque, les patrouilles des fédéraux brésiliens sont devenues quotidiennes. Gare à ceux qui n'ont pas tamponné leur passeport!

Même les touristes d'un week-end qui viennent seulement descendre quelques caipirinhas et assouvir leur soif de shopping sont concernés. Pour passer la nuit de l'autre côté du fleuve, il faut désormais se déclarer à la police fédérale. Ce qui a toujours été le cas auparavant, sauf que ces derniers temps la police locale a dû recevoir quelques consignes concernant le contrôle des personnes venues de la Guyane. La plupart des hôtels exigent désormais des passeports en règle. Une équipe de la police fédérale contrôle régulièrement les établissements qui ont tout intérêt à jouer le jeu, sous peine de recevoir une belle amende. Les contrôles se sont également intensifiés dans les rues. Les touristes sont donc invités à ne pas se séparer de leur passeport. “La police est de plus en plus présente, confirme un piroguier de Saint-Georges. Maintenant, ils renvoient les Français qui ne se sont pas déclarés de l'autre côté du fleuve”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> “Seus papéis, por favor! Ele terá de se acostumar com esta velha canção do outro lado do Oiapoque. Será especialmente válido no caso de controles policiais. Mesmo para os que passarem poucas semanas em Oiapoque, as patrulhas federais brasileiras tornaram-se diárias. Ai de quem não carimbar seu passaporte!

Mesmo os turistas de um fim de semana, que atravessam em busca apenas de uma caipirinha ou saciar sua sede de compras estão em questão. Para passar a noite do outro lado do rio, agora temos de declarar à Polícia Federal. Que tem sido sempre o caso, previamente, exceto nesses dias em que a polícia local tenha recebido algumas instruções relativas ao controle de pessoas da Guiana. A maioria dos hotéis agora exige passaporte em ordem. Uma equipe da polícia federal controla regularmente os estabelecimentos sob pena de receber uma multa. Os controles também se intensificaram nas ruas. Os turistas são aconselhados a não se separar do seu passaporte. “A polícia está cada vez mais presente, confirma um catraieiro em Saint-Georges. Agora, eles reconduzem o francês, que não declarou à polícia sobre a sua travessia para o outro lado do rio”.

Aqueles que chegam ao Oiapoque após o encerramento da polícia local (depois de 20 horas) devem ir na manhã seguinte, declarar a sua entrada no Brasil, porque se esquecer de ir à polícia antes de retornar Saint-Georges, pode ser caro (tradução nossa).

Ceux qui arriveraient à Oïapoque après la fermeture des locaux de la police (après 20 heures) doivent donc s'y rendre le lendemain matin sans perdre trop de temps. Enfin, s'il faut se déclarer à son entrée au Brésil, il ne faut pas oublier de retourner à la police avant de rejoindre Saint- Georges. Car ça peut coûter cher.

Nos departamentos de ultramar, os brasileiros, bem como outros não europeus, são impedidos de ingressar sem a apresentação de visto. Transpor a fronteira franco-brasileira é bastante burocrático e quase impossível para alguém que deseje conhecer este pedaço do território francês. Para isso, o aspirante a turista ou o visitante, no caso dos brasileiros, necessita solicitar um visto na representação do Consulado Francês, anexando ao dossiê documentos como: uma carta explicando os motivos da viagem, documentos da pessoa que irá receber/hospedar o solicitante (cópia do passaporte, comprovante de renda) ou reserva de hotel, seguro de vida no valor de R\$100.000,00, o pagamento de uma taxa de R\$ 180,00. A resposta ao pedido sai em um prazo de quarenta dias a partir da data de entrada do requerimento; apesar disso, conseguir todos os documentos e entrar com o pedido de visto não garante a resposta positiva à solicitação. Essa burocracia diminui as chances de muitos solicitantes.

Algumas ações restritivas vêm sendo implantadas ao longo dos últimos anos, com ênfase para a construção, no ano de 2007, de um posto permanente de vigilância na colina chamada *Bélizon*, localizada na estrada que liga Saint-Georges à capital Caiena. Houve a intensificação da vigilância com a colocação de grupos de policiais ligados à Polícia Auxiliar de Fronteira (PAF), *Gendarmerie* e Legião Estrangeira, localizados na estrada, matas e rios, na tentativa de prender imigrantes durante a travessia.

As tentativas de conter os fluxos migratórios não se limitam exclusivamente à construção de barreiras nas estradas. A infraestrutura está sendo ampliada, com a construção de novos centros de detenção para migrantes clandestinos, aviões são fretados para reconduzi-los até Macapá, mais policiais e veículos foram enviados para o departamento.

Nos últimos anos, o governo implantou maiores exigências para renovação de documentos. Estas medidas foram aplicadas tanto para migrantes que apresentam pedidos de regularização pela primeira vez, quanto para os que trabalham na Guiana Francesa há mais de vinte anos e já estiveram na condição de legalizados. Outro grupo importante é o dos que vivem no DUF por muito tempo e não conseguiram a legalização, esses já viveram a experiência da deportação por incontáveis vezes.

Portanto, a condição de clandestinidade não significa uma etapa. Sayad (1998) aponta o imigrante como uma força de trabalho; é tolerado na medida em que contribui para o crescimento regional. Em seu estudo realizado com os argelinos na França, analisa as condições em que os migrantes são aceitos. Acerca disso infere:

O ideal teria sido que [...] o imigrante fosse uma pura máquina [...] e uma vez que o imigrante não é puramente mecânico, é forçoso conceder-lhe um mínimo. Assim, como trabalhador, é preciso que seja alojado, mas então o pior dos alojamentos é amplamente suficiente; como doente, é preciso que seja tratado (isso por ele mesmo e talvez muito mais para a segurança dos “outros”), mas que seja de forma mais rápida e econômica, sem tomar sempre o tempo e cuidado que uma situação particular requer, principalmente no caso de doenças mentais (SAYAD, 1998, p. 58).

A experiência de ser um trabalhador migrante pode ser transposta, a partir do relato na entrevista realizada por Sayad (1999) com um migrante argelino na França; sentimentos que em diversos momentos são encontrados nas falas de muitos interlocutores.

Desde o ponto de partida, não havia grande alegria, é o mínimo que se pode dizer. Nunca é agradável deixar a família da gente, trocar o país da gente por outro. Mesmo que a gente sonhe com esse outro país, mesmo que a gente espere muito por isso, é sempre com pesar e tristeza que a gente deixa aqueles que nos são próximos, o mundo que nos é familiar. Quando ouço dizer que é porque pensamos que a França é o paraíso que todos nós imigramos para cá, eu me pergunto se não nos tomam por crianças [...]. A gente sabia que a França não era o paraíso, a gente sabia mesmo que, em certos aspectos, é o inferno (SAYAD, 1999, p. 654).

Os migrantes conhecem ou desconfiam dos diversos percalços que encontrarão ao longo do trajeto. Embarcam em uma mistura de interações e construção de representações, que tem como um dos elementos principais a relação entre o lugar, a condição ou status que exerce na sociedade e o perfil que o qualifica como imigrante ou estrangeiro.

Nesta relação, os migrantes clandestinos destacam que aqueles oriundos de países europeus são admitidos na sociedade como estrangeiros que trabalham e “não causam problemas”, a exemplo de pessoas vindas de países como Bélgica, Itália, Espanha ou Suíça, que conseguiram emprego e vivem de maneira legalizada no departamento. Nesta classificação, o migrante, particularmente o brasileiro, apresenta-se, na maioria das vezes, como um visitante indesejável. São considerados bons trabalhadores, entretanto arruaceiros, brigões, qualificações que não abarcam somente os clandestinos, mas grande parte dos brasileiros.



## 2 MIGRANTES NA GUIANA FRANCESA: FRONTEIRAS IDENTITÁRIAS EM CONSTRUÇÃO

A decisão de migrar é, na maioria das vezes, resultado de um conjunto de fatores sociais, políticos e econômicos, que contribuem para a atração ou expulsão de trabalhadores. Nos relatos dos migrantes destaca-se que a partida não é uma decisão individual e sim uma série de rearranjos sociais e familiares, motivados por circunstâncias como desemprego ou a expectativa de melhores rendimentos que proporcionem à família a sustentação financeira.

São pessoas responsáveis por suprir as necessidades de filhos, companheiros, pais e irmãos. Com frequência, esta decisão vem acompanhada do confronto com novos significados socioculturais. Na sociedade guianense, aspectos multiétnicos e multiculturais se destacam, atribuindo a ela inúmeros elementos demarcadores de um processo de formulação de identidades. Hall (2003, p. 26) destaca que “nas situações de diáspora as identidades se tornam múltiplas”; então a influência mútua sobre as diversas culturas contribui para a criação de novas identidades. Segundo este autor, a situação dos migrantes revela a construção de identidades híbridas, que necessitam da tradução para se afirmar. Neste sentido, estes migrantes não são assimilados por esta outra cultura, pois “eles carregam os traços da cultura, das tradições, das linguagens e das histórias” da sua identidade étnica (HALL, 2006, p. 88, 89).

Assim, as identidades modernas, de acordo com Hall, estão em crise, descentradas, deslocadas ou fragmentadas pela globalização em seus impactos sobre os referenciais modernos de sujeito, tempo e espaço, em que a globalização, divide espaço com o fortalecimento de identidades locais, admitindo a diferença e a alteridade.

Segundo Bauman (2001, apud RODRIGUES, 2008, p. 47):

[...] “o crescimento espetacular do discurso da identidade no mundo atual tem relação com o “desejo de reconhecimento” de grupos minoritários, que detonam processos políticos em que exigem direitos humanos de justiça e igualdade – como o “direito a uma identidade separada” – e direitos políticos que implicam na construção, negociação e afirmação da identidade”.

Os migrantes convivem, na sociedade guianense, com fronteiras étnico-culturais que determinam a maneira como cada grupo se comporta segundo as características comuns à sua identidade, que pode ser regional, social, cultural, política, religiosa ou étnica. Barth (1998 [1969], p. 194) considera o conteúdo cultural de duas ordens:

1. Sinais ou signos manifestos – os traços diacríticos que duas pessoas procuram e exibem para demonstrar sua identidade, tais como vestuário, a língua, a moradia, ou o estilo de vida geral; e 2. Orientação de valores fundamentais – os padrões de moralidades e excelência pelos quais as ações são julgadas.

Alguns símbolos contribuem para a identificação de si e do outro pelos migrantes, entre eles o modo de vestir-se, construir suas habitações<sup>2</sup>, pelos alimentos que procuram comprar<sup>3</sup>, ou por segmentos no mercado de trabalho onde o grupo atua com atividade mais intensa, a exemplo da construção civil para os brasileiros.

Essa identificação do outro leva os brasileiros a aparecerem como um dos muitos sujeitos sociais afetados pelo “poder da identidade” (CASTELLS, 1999). A transformação das identidades ocorreria através do contato e troca, gerado pelo intenso fluxo migratório; são forjadas novas identidades, desde que os migrantes pertencem a uma cultura e estão inseridos em outra. Deste modo, buscam conservar suas tradições e a memória que os liga à sociedade de origem, como mecanismos para manter sua identidade étnica. Ao mesmo tempo, precisam construir identidades que se adequem ao novo território e cultura com as quais passam a ter contatos diários.

O convívio com outros idiomas, culturas e pessoas de sociedades diversas faz os brasileiros, bem como os demais grupos, necessitarem adaptar-se aos novos parâmetros sociais; conservando suas características. Essa condição admite a formação de identidades plurais. Este contato geralmente é acompanhado por um processo intenso de criação de representações, estereótipos e, sobretudo, estigmas; nestas, o grupo dos brasileiros surge no mercado de trabalho como pedreiros ou garimpeiros, atribuições relativas às ocupações masculinas, enquanto as mulheres assumem os postos de faxineiras, garçonetes, dançarinas, cozinheiras e prostitutas.

Tal perfil muitas vezes torna-se depreciativo, estendendo-se a outros segmentos (espaços de lazer e moradias). Aos homens brasileiros são atribuídas bagunças, festas com música em volume elevado, bebedeiras e brigas. Alguns interlocutores expuseram que certo número de migrantes não gosta de morar próximo a famílias de brasileiros, pois dizem que estes são muito barulhentos, e é comum acontecerem brigas nas casas; assim, se houver clandestinos nas casas vizinhas, existe a possibilidade de a polícia descobrir.

---

<sup>2</sup> É comum ouvir na Guiana Francesa, que as casas dos brasileiros são reconhecidas por terem uma antena parabólica, o que as diferenciam das demais.

<sup>3</sup> Durante as idas ao mercado local, em Caiena, diversas vezes açougueiros me ofereceram carnes de gado, dizendo: freguesa tem peito, costela! Intrigada, perguntei aos interlocutores o motivo de justamente esse corte do gado ser oferecido; e obtive como resposta que são os cortes mais baratos e que os brasileiros costumam comprar.

Por sua vez, as mulheres são vistas com temor pelas outras, pois é voz corrente que as brasileiras têm preferência por relacionar-se com homens franceses. Relatos de mulheres de outras nacionalidades atribuem esta “facilidade” nas conquistas pelo fato de as brasileiras serem mais disponíveis, liberais. Esta justificativa pode ser interpretada como uma maneira de depreciar a imagem feminina diante das demais.

Frente a esta figura estigmatizada dos brasileiros, o processo de construção de identidades é reforçado pela criação de estratégias para manutenção da identidade étnica do grupo. Barth (1998 [1969], p. 195) admite que o grupo mantém sua identidade, “quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão”. O autor infere que a fronteira étnica canaliza a vida social e implica uma organização bastante complexa do comportamento e das relações sociais. A transposição desta barreira muitas vezes vem acompanhada de um processo lento de superação e criação de estratégias, no qual alguns grupos acentuam essas fronteiras que são sociais e podem ter contrapartida territorial (BARTH, 2000 [1969], p. 33-34).

Assim, a fragmentação da sociedade guianense em torno das identidades forma-se por intermédio dos sistemas que cada um deles cria para determinar sua existência, pertença e seu status, conforme Barth (2000, p.58),

Apesar de esses sistemas conterem vários grupos étnicos, a interação entre os membros de diferentes grupos não provém da complementaridade das identidades étnicas; ela ocorre dentro da moldura das instituições e status do grupo dominante e majoritário, na qual a identidade como membro da minoria não dá nenhuma base para o agir, ainda que possa em algum grau implicar uma incapacidade para assumir status operativo.

Embora a condição do imigrante brasileiro na Guiana Francesa se assemelhe aos demais que procuraram o departamento (caribenhos, africanos e asiáticos), a posição que o grupo ocupa, de acordo com as falas de alguns interlocutores, tem sido cada vez mais difícil, pois a maioria dos migrantes não consegue se adaptar à sociedade, expressando que o cotidiano é bastante tedioso e apenas o dinheiro ganho compensa a distância do Brasil.

O sentimento de não atingir a interação com a sociedade local revela fronteiras sociais bastante resistentes, embora as semelhanças climáticas e geográficas ofereçam a sensação de proximidade com o Brasil; os padrões culturais, de comportamento, idioma, expõem traços de uma sociedade que passa por um intenso processo de transformação social, cultural e política. João, um amapaense de 45 anos, trabalhador da construção civil, solteiro, vive na Guiana Francesa há vinte anos e atualmente possui o status de legalizado no DUF; declara o desejo de voltar a morar em Macapá:

Aqui é muito ruim. Eu vim pra cá no final de oitenta e oito (1988), trabalhei no garimpo e depois de ter pego umas malárias por lá, vim para Caiena; então eu voltava pro Brasil sempre no natal e nas férias, mas agora esse presidente (Nicholas Sarkozy) assumiu, e mandou a polícia ficar parando todo mundo na rua e pedindo papel (*carte de séjour*). Eu acho isso uma bandalheira porque a gente vem para Caiena e trabalha para construir tudo aqui. Paga imposto caro para alugar casa, para ter carro e, está sujeito a ser preso! Não pode nem criar uma galinha porque se ela passar pro quintal do vizinho, ele chama a polícia e eles (policiais) vêm querer mandar até no teu quintal. Se tu faz (sic) uma festa não pode botar o som alto porque eles (polícia) vem mandar abaixar e, se tu faz um fogo para um churrasco ou para queimar um mato, o vizinho telefona e eles vem mandar apagar. É muita perseguição contra a gente que é brasileiro! Assim que eu melhorar de dinheiro volto para o Brasil, porque não me acostumo com essa vida! Eu gosto daquela alegria do Brasil, aqui não tem animação, nada pode!

Ao longo da investigação, vários relatos e situações foram analisados. Nestas terras, o brasileiro, principalmente o clandestino, revela sentir-se um *outsider* (ELIAS, 2000 [1965]). Essa categoria trabalhada pelo autor demonstra as relações entre diferentes grupos. Neste estudo, os *outsiders* são moradores recém-chegados que eram vistos com desconfiança, sendo criado, em torno da chegada deles, uma série de estigmas e conflitos motivados pelo contato e caracterizados por relações de poder. De acordo com Elias (2000 [1965], p. 21):

A “antiguidade” da associação, com tudo o que ela implicava, conseguia, por si só, criar o grau de coesão grupal, a identificação coletiva e as normas comuns capazes de induzir à euforia gratificante que acompanha a consciência de pertencer a um grupo de valor superior, com o desprezo complementar por outros grupos.

Em relação à inserção dos migrantes na Guiana Francesa, ocorrem alguns conflitos referentes à sua presença; no entanto, essas circunstâncias não se limitam à presença dos recém-chegados, pois nas falas da maioria dos estabelecidos destaca-se o desejo de retornar ao Brasil e uma não adaptação à sociedade local.

As experiências relativas aos clandestinos revelam que a maioria sente-se sem condições ou desejo de transpor as fronteiras do contato com o outro. Essa relação apresenta-se como uma condição social e jurídica. Social, por estes migrantes se apresentarem como exercendo um lugar menor na estrutura originária da sua posição. Jurídica, por estarem com status de clandestinos, logo sem direitos. O elemento contraditório nesta relação é a posição assumida pelos migrantes, pois apesar de serem reconhecidos como exímios profissionais, sentem-se como indesejáveis, intrusos, e injustiçados; alguns interlocutores relatam que os clandestinos trabalham muito e, se forem expulsos, não haverá quem construa

as obras na Guiana Francesa. Que não saem dos lugares onde vivem sequer para comprar comida e, no entanto, são considerados causadores de violências.

Essa identidade exposta nas narrativas concebe o migrante clandestino como trabalhador, sofrido, envolto em obrigações com a família deixada no Brasil. Afirmam que necessitam aprender os códigos da sociedade local, sem esquecer os da sua própria, e configuram identidades que são encaixadas de acordo com a realidade.

Por outro lado, são representados como ameaça; nos discursos dos que apoiam a *limpeza étnica*, a qualificação como clandestino marca-os de maneira depreciativa. “É o que rouba, agride, mata policiais nas áreas de fronteira”. Estes indicadores simbólicos permitem compreender de que forma a identidade étnica do grupo de brasileiros e as múltiplas identidades assumidas apresentam papel tão determinante no que é atualmente a sociedade guianense. São elaboradas estratégias para evitar o seu estabelecimento; uma delas é a estigmatização do grupo.

### **3 A FORÇA DE TRABALHO OCULTA: O SENTIMENTO DE ESTAR CLANDESTINO**

Estar clandestino não é uma condição temporária. A maioria dos trabalhadores brasileiros que se enquadra nesta categoria relata eventos e situações que fazem este estado se prolongar; episódios semelhantes em relação às circunstâncias experimentadas como: a entrada no departamento, a maneira como conheceram as pessoas para quem trabalham e, finalmente, os sentimentos em relação à vida como migrantes.

Estas narrativas servem de base para entender as percepções acerca do sentimento de ser reconhecido como clandestino; atribuição carregada de estigmas. Esta condição os torna presas fáceis para pessoas que aproveitam da sua condição para explorá-los e obter benefícios econômicos às suas custas. Os clandestinos estão sujeitos a extorsão, abusos e exploração por parte de patrões, migrantes de outras nacionalidades e seus pares. O medo de serem presos e expulsos supera as necessidades que porventura possam ter, contribuindo na diferenciação e exclusão.

Durante a estada em campo observamos que a chegada desses imigrantes não lhes oferece a possibilidade de gozar de uma vaga no mercado de trabalho; sua condição faz com que precisem confiar nos patrões e se sujeitarem a longas jornadas de trabalho e diárias que em média custam 50%<sup>4</sup> a menos que as pagas a um migrante legalizado. Desse modo, a presença de trabalhadores clandestinos é admitida, desde que contribuam para o crescimento departamental.

<sup>4</sup> A diária média paga a um trabalhador legalizado é de €\$ 60,00, enquanto a paga aos clandestinos não ultrapassa €\$ 30,00.

Ao questionar alguns dos interlocutores acerca do sentimento de ser migrante, a narrativa corrente, que parece estar internalizada, inclui uma mistura de decepção, obrigatoriedade em enviar dinheiro para a família e apresentar relativo sucesso. Estes sentimentos transformam-se em desespero quando, por muitas vezes, não podem sair para trabalhar, não conseguem serviço ou precisam fugir da polícia.

O compromisso assumido na sociedade de origem tem como resposta as remessas enviadas para a família. A aceitação gerada pela sensação de vitória, apresentada ao desembarcar no Brasil durante as raras viagens realizadas ao país, revelam que o migrante adquire, após a partida, maior credibilidade junto à família, vizinhos e amigos, motivada pelas ilusões criadas em torno da migração.

Assim, dificuldades e situações vexatórias são toleradas em nome de suprir necessidades. Edmar, um paraense, trabalhador da construção civil, casado, 34 anos e pai de três crianças, conta sua trajetória:

Quando eu cheguei aqui (Caiena) não conhecia nada, nem ninguém, apenas um amigo, que foi quem me trouxe e me indicou para trabalhar na empresa em que ele trabalhava; mas ele ganhava pouco, por também ser clandestino. Eles pagam pouco para quem não tem papel e a gente trabalha dia e noite! Nós dois passamos muita fome.

A única refeição era um sanduíche que o patrão dava às vezes. Tinha dia que a gente não comia nada. Muitas vezes a gente ia trabalhar e quando tinha um tempo, ficava procurando algum dinheiro pelo chão para poder comprar um lanche ou alguma comida. Até que eu comecei a trabalhar como ajudante de pedreiro, mas o trabalho era pesado, eu não sabia fazer e tive que aprender; por isso, muitas vezes trabalhei sangrando, ferido; mas tinha que mandar dinheiro pra casa.

Ainda neste sentido, Edmar declara seus sentimentos em relação à vida como imigrante clandestino:

Esta vida é a pior coisa que tem! Se alguém disser pra mim que quer vir para Caiena eu tiro as forças; porque isso aqui não é vida pra ninguém! Tem que viver se escondendo da polícia, às vezes a gente tem dinheiro pra comprar comida e não pode ir, porque não sabe falar ou a polícia pode chegar a qualquer momento e prender a gente. Não dá nem para ligar para casa porque os homens (polícia) podem chegar e te levar. Um dia eu fui até ao china comprar barbeador e a mulher não entendia o que eu queria então me levou pra gôndola do *cassoulet*<sup>5</sup>, mas eu não queria comida! Eles pensam que a gente só sai pra comprar isso!

Para a maioria dos trabalhadores, o sentimento de ser vinculado à ilegalidade gera situações de angústia e constrangimento em relação ao outro (legalizado,

<sup>5</sup> Comida francesa à base de feijão branco com salsichas suínas; enlatado, bastante consumido pelos imigrantes na Guiana Francesa.

francês), a sua condição dificilmente é revelada. Diversos relatos demonstram que as solidariedades raramente são percebidas entre os brasileiros, *é cada um por si*, expõe Antonio, um trabalhador da construção civil.

Situação semelhante é identificada por Sales (1999), em relação aos brasileiros que vivem nos Estados Unidos. Na sua interpretação, a associação dos migrantes ilegais a clandestinos seria errada. Nesse sentido, Bourdieu (1998) avalia que a associação da categoria clandestino a coisas proibidas deturpa o papel desempenhado pelo trabalhador migrante. A realidade seria que esses migrantes não têm o documento que permite a permanência no país, o que não os criminaliza; sociologicamente eles estariam em situação de ilegalidade.

Atualmente, duas categorias são atribuídas aos indocumentados na França: *sans-papiers* e clandestinos. A primeira surgiu com as leis migracionais formuladas pelo Estado francês a partir dos anos 1990, e restringiam os direitos de imigrantes que apresentavam algum vínculo familiar na França; eles não poderiam ser expulsos do país, contudo lhes era vetada a legalização da sua situação. Este grupo foi e continua sendo bastante ativo politicamente, articulando e organizando manifestações que objetivam reivindicar e chamar atenção da mídia, do povo e do governo francês para as suas questões.

A segunda categoria é a de clandestino. Nesta encaixam-se todos aqueles que entraram e vivem em solo francês sem autorização administrativa e não possuem laços familiares (casamento, filhos), sendo sua prisão e expulsão legalmente permitidas.

Uma identidade *inferiorizada* é atribuída aos que se ajustam a este perfil, inclusive em relação aos *sans-papiers*, sobretudo porque os considerados *sans-papiers* apoiam-se na *Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias*. Essa convenção assegura a permanência dos imigrantes que têm parentes em solo francês, sugerindo que os que possuem filhos nascidos nos países de migração não podem ser expulsos, o que possivelmente admite que transitem pelas ruas, órgãos públicos, serviços de saúde e outros espaços. Essa diferenciação permite compreender de que modo o grupo dos clandestinos elabora suas representações e formula suas identidades neste contexto social, que associa trabalhador clandestino à ilegalidade.

Na Guiana Francesa essas manifestações pouco acontecem. A articulação dos grupos é bastante frágil e se concretiza somente quando há suporte de associações ou organizações ao evento. Ao ser interpelado sobre a existência das passeatas dos *sans-papiers* em Paris e a respeito de como este tipo de articulação poderia melhorar ou regularizar a situação de alguns trabalhadores no departamento francês, José responde de maneira enfática acerca das dificuldades encontradas pelos trabalhadores, narrando um caso ocorrido com um amigo:



Se a gente fizer isso vai todo mundo preso e deportado; porque os que têm filhos na Guiana com mulher francesa não conseguem tirar o papel, porque sempre tem uma desculpa quando a gente chega na *prefecture*<sup>6</sup>; ou não tem data ou marcam o *rendevouz* no domingo ou no feriado. O certo é que, eles dificultam a emissão do papel.

Outros (migrantes) que têm filhos matriculados nas escolas e teriam direito a ter sua situação regularizada, muitas vezes não conseguem nem vaga para os filhos no colégio. Um desses dias um amigo nosso do Cabassou<sup>7</sup> chegou lá (escola) e a mulher disse que não tinha vaga para os filhos dele; só que a menina já tem treze anos e o menino doze, e os dois estudam na escola aqui em Caiena desde os cinco anos de idade. Ele foi lá e disse: madame eu preciso matricular as crianças, porque senão depois eles vão ficar sem estudar. E a mulher respondeu que não tinha vaga, que ele voltasse para o Brasil. Então a gente se queixou pra um amigo francês que é professor de criança estrangeira. Foi quando ele falou para a responsável pelas matrículas e ela ligou na hora para a escola, e a mesma mulher que disse que não tinha vaga desta vez confirmou a possibilidade de matricular as crianças na escola. É sempre assim, nunca tem nada pra gente!

(José, 40 anos; é trabalhador na construção civil; vive na Guiana há seis anos, natural da cidade de Macapá, casado e pai de duas crianças).

A fronteira entre direitos sociais e acesso a eles na Guiana Francesa se mostra bastante tênue, desde que legalizados e clandestinos, com frequência, passam por circunstâncias similares. Alguns legalizados têm dificuldade para ter acesso a direitos sociais básicos, como educação, saúde e moradia. A não ser que tenham alguém que interceda por seus interesses, encontram dificuldades para morar, estudar ou curar-se de alguma doença que porventura venham a sofrer. Os clandestinos, por estarem vinculados à sua condição, têm esse impedimento, enquanto os legalizados encontram dificuldades em obter os benefícios sociais, por desconhecem a língua e precisarem de intérpretes para auxiliá-los nas solicitações, especialmente as escritas.

Algumas situações experimentadas no processo de Migração são construídas com base em ilusões, necessárias para que a condição real permaneça oculta. Elas reproduzem os mesmos mecanismos que incentivam a ida de novos Migrantes de maneira clandestina para o departamento. Sayad aponta a existência da simulação da realidade, por parte dos migrantes, que incentiva novas migrações.

[...] o informante [migrante] produz o próprio modelo do mecanismo segundo o qual se reproduz a emigração e no qual a experiência alienada e mistificada da emigração preenche uma função essencial. O desconhecimento coletivo da verdade objetiva da emigração [dissimulação]

<sup>6</sup> Órgão da administração francesa encarregado de emitir diversos tipos de documentos, entre eles certidões de nascimento e *carte de séjour*.

<sup>7</sup> Bairro habitado principalmente por brasileiros, localizado na periferia de Caiena.



que todo o grupo se esforça por manter (os emigrantes que selecionam as informações que trazem quando passam algum tempo na terra; os antigos emigrantes que ‘encantam’ as lembranças que guardaram da França; os candidatos à emigração que projetam sobre a França suas aspirações mais irrealistas etc.) constitui a mediação necessária através da qual se pode exercer a necessidade econômica (SAYAD, 1998, p. 44).

Desta forma, o ciclo de reprodução do migrante clandestino se renova sempre que um destes trabalhadores volta para sua terra natal com dinheiro, e gasta aparentando viver em boa condição financeira e social na França. Essa situação faz com que muitos vizinhos, amigos e parentes imaginem que a migração é a saída para os problemas financeiros da sua sociedade.

Se a relação da França com os seus imigrantes parece ter se tornado cada vez mais complicada, a tendência para considerar a imigração como um problema de segurança e o imigrante como uma ameaça ao país, parece ter sido estabelecida como uma das metas mais marcantes da atual política. Os imigrantes clandestinos estão no centro destas discussões e recebem toda a carga de estigmas; são vistos como vilões neste processo pelas instituições políticas e por seus pares, que atribuem a eles a culpa pela formulação desse tipo de medida.

Quando a entrada de migrantes clandestinos em solo francês aumenta, ampliam-se as medidas de controle adotadas pelo governo, na tentativa de reprimi-la; um dos procedimentos é a desarticulação das redes de auxílio aos imigrantes. No entanto, interlocutores expuseram que as rígidas leis da migração, instituídas pelo país, servem para estimular a migração ilegal. Pois, quando é difícil atravessar uma fronteira de maneira legalizada, as pessoas tentam fazê-la de forma clandestina, mesmo que essa vivência os prive de direitos sociais básicos.

A lógica dos trabalhadores clandestinos reside em suportar, por maior tempo possível, as dificuldades encontradas na migração, com o intuito de acumular dinheiro suficiente para terem suas metas traduzidas em vitória na realização do retorno. Mas é também comum que muitos deles, ao chegar no Brasil para passar as festas ou férias, gastem todo o dinheiro conseguido e, ao retomar o caminho da migração, o façam sem dinheiro até para atravessar clandestinamente para alguma cidade ou área de garimpo. Ainda assim, para a maioria deles, lançar-se novamente ao circuito migratório, apesar de todas as vicissitudes já vividas e sentidas, apresenta-se como uma escolha lógica, diante de um horizonte com poucas alternativas possíveis, o que repete e reforça esse movimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender como a sociedade guianense vem se construindo com a presença dos estrangeiros e de que forma a condição de clandestino e estrangeiro de alguns desses migrantes pode criar identidades e diversas situações, nas quais são expostas as alteridades. Sabe-se que a presença dos migrantes e seus fluxos na Guiana Francesa representa um espaço territorializado, ao mesmo tempo em que provocam o surgimento de (re) territorializações manifestadas no movimento de idas e vindas de migrantes que se reconhecem e identificam. Barth [(1969) 1998] destaca essas fronteiras como processos de reconhecimento e autorreconhecimento contínuo. Assim, a interação realizada pelos grupos de migrantes que convive no espaço guianense tem como característica o contínuo confronto com diversos elementos, dentre os quais um dos maiores é a xenofobia, embora esses espaços sirvam de palco para a criação de representações e estratégias que podem transformar os diversos grupos em aliados ou adversários em diferentes contextos.

Assim, a presença desses migrantes e sua estrangeiridade pode se expressar como um momento histórico e de transformação, vivenciado por uma essa sociedade, a partir das mudanças ocorridas ali. Por sua vez, as trocas realizadas por esses migrantes estão envoltas em dificuldades de adaptação ao país, com a nova língua, comida, vestuário e, principalmente, o contato com diferentes povos e culturas. Por outro lado, esse intercâmbio revelar se como um coletivo que, mesmo em condição temporária, cria condições para esses migrantes manterem seus valores, suas culturas, criarem seus territórios ou espaços nos quais desenvolvem vínculos identitários com ambos os países, contribuindo para a criação de uma sociedade antes de tudo transnacionalizada.

## REFERÊNCIAS

L'ATLAS DES POPULATIONS IMMIGREES EN GUYANE. l'Institut National de la Statistique et des Études Économiques (Insee), l'Agence nationale pour la Cohésion Sociale et l'Égalité des chances (l'ACSE). 2006. Disponível em: [www.insee.fr/fr/insee\\_regions/guyane/.../atlas.../atlas\\_immigres\\_gy.pdf](http://www.insee.fr/fr/insee_regions/guyane/.../atlas.../atlas_immigres_gy.pdf) . Acesso em: 12 maio 2008.

AUBERTIN, G. **Vos papiers, s'il vous plaît!**. France-Guyane. Caiena: agosto/2009. Disponível em: <http://www.franceguyane.fr/actualite/faitsdivers/vos-papiers-s-il-vous-plait-19-08-2009-35053.php>.

- BARTH, F. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BAUMAN, Z. Identity in the globalising world. **Social Anthropology**, EASA, vl. 9, part 2, 2001.
- BOURDIEU, P. Prefácio. Um analista do inconsciente. In: SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: USP, 1998. p. 9-12.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- GAUDEMAR, J. P. de. *Mobilidade do trabalho e acumulação de capital*. Lisboa: Estampa, 1977.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- PATARRA, N. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, 2006. Disponível em: <http://www.iea.usp.br>. Acesso em: 23 jan. 2007.
- RODRIGUES, C. I. **Vem do bairro do Jurunas**: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano. Belém: UFPA-NAEA, 2008.
- SALES, T. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.
- SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: USP, 1998.
- \_\_\_\_\_. A emancipação. In: BOURDIEU, Pierre (Org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SIMMEL, G. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, E. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 182-188.
- TODOROV, T. **A Conquista da América – A questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

